

## AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A REPRODUÇÃO CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE BUJARÚ NO NORDESTE PARAENSE

Ingridy Cristina de Jesus Ferreira<sup>1</sup>  
Daniela da Silva Gonçalves Lima<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho busca analisar como as relações de gênero, influenciam na reprodução camponesa em uma comunidade no nordeste paraense, enfocando precisamente o papel da mulher nesse processo. O trajeto metodológico utilizado pautou-se em pesquisa qualitativa, consulta em referências bibliográficas, principalmente a respeito da temática de gênero, espaço este novo para as autoras. Salientamos, que as relações de gênero, enquanto relações sócias e, por conseguinte, relações de poder, estão engendradas no modo de vida camponês, e as mulheres ainda não buscam uma autonomia política, embora a executem no viés econômico. Concluímos, a respeito das mulheres camponesas na comunidade do Alto Igarapezinho, o exercício de um papel fundamental e ativo para a manutenção e reprodução do grupo familiar, destacando a centralidade que as relações de gênero apresentam nesse território.

**Palavras Chaves:** Gênero, trabalho, religiosidade, território.

### Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de conclusão de curso, que teve como objetivo analisar o papel das mulheres camponesas na comunidade do Alto Igarapezinho no município de Bujarú nordeste paraense. Os estudos na região norte referente ao tema das relações de gênero na geografia enfatizam a problemática da mulher, a feminilidade e o sexo (SPITALERE, 2014). Nesse sentido, nossa análise parte da geografia agrária, considerando essas relações *para* ou *na* construção do território camponês.

O campesinato é entendido segundo Marques (2008) como uma classe social, partindo de um conceito político para compreender a luta de classes no campo. Shanin (1979) completa esse conceito ao inserir o modo de vida, marcado por relações sociais específicas de um “mundo diferente”. Assim partimos de uma análise do campesinato como classe, no caso, trabalhadora rural e um modo de vida diferenciado, organizado por um modo de existência social viabilizado pelo modo de produzir (PAULILO e ALMEIDA, 2010).

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará- ingridgeografia@outlook.com

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Pará –daniela\_lima@gmail.com

As relações de Gênero aqui apresentadas partem das relações de poder, desiguais e hierárquicas, não restringindo exclusivamente as relações simétricas e complementares (FRANCO, 2004). Desse modo, ao mostrar-se como elemento constitutivo das relações sociais, é sustentada pelas diferenças entre homens e mulheres que marcam essas relações de poder, sendo exercidas na sociedade por meio do homem como figura proeminente em relação à mulher (TORRES e RODRIGUES 2010). O gênero se apresenta, nesse caso, como um processo tanto em movimento, como em relação a outros segmentos.

Nessa perspectiva, nossa leitura geográfica dessas relações no espaço agrário paraense, parte de compreendê-las no seio do campesinato a partir das práticas das mulheres na construção e produção do território, entendido aqui não apenas como resultado de centralidades e autoridades, mas pensado de forma (i)material, ou seja, pautado em relações objetivas e subjetivas *no* e *com* o lugar, objetiva e subjetivamente (SAQUET, 2013). Buscando, dessa forma, superar as ideias que compreendem o território sem sujeitos sociais ou esses sujeitos sem territórios.

Estas práticas são por nós compreendidas, enquanto, territorialidades, ou seja, como distintas escalas espaciais que variam no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente (SAQUET, 2008).

Assim as relações de gênero entre homens e mulheres (maridos e esposas), constituinte de um regime patriarcal marcado pela dominação e opressão das mulheres pelos homens (SAFFIOTI, 2015), frutos da sociedade na qual vivemos, tem no território suas marcas seja nos espaços ditos privados, se estendo aos espaços públicos. O próprio modo de vida camponês, apresenta a figura masculina como chefe, se fala no homem, se alimenta os discursos no plano produtivo do trabalho da mulher constituir-se como ajuda. Este último, como exemplo, prático do fenômeno.

Assim esse território é construído e produzido a partir das relações do modo de vida camponês, onde as heranças patriarcais podem ou não significar protótipos de machismos ou fragilidade feminina. Todavia é necessário perceber como se anima a vida a partir das territorialidades e como as mulheres articulam sua existência em meio ao seu modo de ser e produzir enquanto tal.

Os procedimentos metodológicos nesta pesquisa estiveram embasados em pesquisa bibliográfica, trabalho de campo com observação participante, levantamentos de dados obtidos por meio das entrevistas abertas e semiestruturadas e os questionários aplicados a 16 mulheres.

Sendo assim, nossa problematização baseia-se no seguinte questionamento: Como as relações de gênero influenciam no processo de reprodução camponesa?

Pensar a construção do território camponês na comunidade do Alto Igarapezinho significa atentar para os elementos que compõem a sua materialidade e norteiam os elementos na reprodução desse modo de vida. Nessa lógica, as mulheres e os homens o constroem através das relações simbólicas e pertencimento a este local, seja por meio da religiosidade ou das relações de vizinhança tecidas entre a família e a comunidade.

### **A dinâmica da Comunidade do Alto Igarapezinho**

A Comunidade camponesa do Alto Igarapezinho pertence ao município de Bujaru/PA, localizado na zona fisiográfica Guajarina, na margem do rio Guamá. Inicialmente seu território foi habitado por famílias nordestinas, que vieram em busca de terras férteis para a agricultura. A comunidade atualmente é composta por 85 famílias, tendo em suas proximidades vilas, e como eixo central o Ramal Curucambaba.

Para ter acesso seguimos pela Alça Viária, na altura do Km 24, adentramos 15 km no Ramal que detém o mesmo nome (Ramal do 24).



**FIGURA 01: Entrada da vicinal no Ramal Km 24 que leva até a comunidade**

**FONTE:** LIMA, Daniela. Trabalho de Campo, 2015.

A figura 01 mostra a início da estrada de terra que garante o acesso a comunidade do Alto Igarapezinho. Por essa via, os camponeses se deslocam para a capital e transportam os produtos que são vendidos em Belém e na região metropolitana.

Anteriormente a construção da Alça Viária, o rio, neste caso, o Rio Bujaru detinha um poder central, por constituir-se como principal meio sob o qual os camponeses mantinham relação com o restante das cidades e municípios vizinhos. A vida camponesa, nesse momento se organizava em torno do Rio. A partir da criação da Alça Viária uma nova dinâmica se apresenta, tendo a rodovia como eixo para chegar até Belém.

Achamos interessante, recorrer a memória e narrativas dos camponeses e camponesas na tentativa de compreender a formação socioespacial da referida comunidade. Nesse sentido, a partir das suas falamos notamos a existência de dois tempos históricos: um *anterior* a alça viária e outro *pós* rodovia.

*Antes era barco, pelo Curuçambaba, que ia pra Belém. Agora a gente sai duas hora da madrugada daqui, quando no outro dia a gente já tá aqui uma hora da tarde, às vezes antes de uma hora. Não é mais que nem antes que ia num dia pra voltar no outro. Ai passava um dia e uma noite fora, agora não, vai de madrugada quando de tarde já tá aqui. (Entrevistada 1, 2015).*

A fala de nossa entrevistada sinaliza para esses dois tempos históricos, marcados por grafias como “antes” e o “agora”. Esse “antes” marcava a relação dos camponeses com o Rio, sua fonte primeira de navegação e contato com a capital. O “agora” retrata o momento vivenciado através da relação com a rodovia.

Nesse contexto, essas relações retratam uma realidade vivenciada por inúmeras populações amazônicas. Constituintes das marcas do processo de ocupação da Amazônia, inicialmente do contato direto com o Rio e a partir da década 1960 ocorre uma aproximação, mas direta com a Rodovia. GONÇALVES (2001) nos dá subsídio para entender as transformações que ocorreram no padrão de ocupação do espaço amazônico, a mudança do padrão RIO-VARZEA-FLORESTA para ESTRADA-TERRA FIRME-SUBSOLO. Essas mudanças nos ajudam a compreender a alteração que ocorreu na relação dos camponeses com o rio na comunidade do Alto Igarapezinho.

Como anteriormente a Alça Viária, o rio se configurava, enquanto único meio de transporte, a comercialização dos produtos, como farinha, se dava através de barcos, até Belém. As viagens eram longas e cansativas, em geral demoravam dias para chegar até o destino final, além, do tempo gasto na viagem, os camponeses tinham “trabalho” para trazer os produtos até o porto. O transporte era feito de caminhão até a beira do rio, quando se perdia o horário do caminhão, os produtos eram transportados a pé.

Antes era muito sacrifício num tinha moto, tinha alguma bicicleta a gente quando ia para Belém a gente saía daqui quando chegava lá na beira da estrada (ramal transcuruçambaba) o caminhão era naquele tempo caminhão ainda não tinha ônibus. Quando a gente chegava na beira da estrada, eles já tinham passado. Ai ia andando lá para beira do rio para poder pegar o barco para a gente conseguir chegar em Belém (Entrevistada 2, Trabalho de Campo, 2015).

Percebemos através desse comentário, o “sacrifício” enfrentando para transportar a produção até a beira do Rio e posteriormente a Belém, o *antes* demarca as lembranças de um tempo caracterizado por especificidades, quando se relata “o caminhão era naquele tempo o caminhão, não tinha ônibus” demonstra que as relações ligadas ao rio, também estavam relacionadas às relações com o caminhão e o barco como meio de transportes. O ônibus já vem sinalizar outro momento, relacionado a Rodovia. As singularidades e especificidades dos objetos espaciais demarcam o tempo para os camponeses.

A modificação da dinâmica dos camponeses se intensificou por meio, da construção da Alça Viária, tendo agora seus produtos levados de ônibus até as feiras para serem comercializados. Com a rodovia, o espaço-tempo entre a comunidade e Belém diminuiu, podendo assim, sair de casa na madrugada e chegar à tarde no mesmo dia.

### **Trabalho, Família e Religiosidade das Mulheres Camponesas da Comunidade do Alto Igarapezinho.**

Para iniciar a reflexão a cerca das relações de gênero em contextos rurais, enfatizando o papel das mulheres, em uma comunidade camponesa do Nordeste paraense, denominada de Alto Igarapezinho traçaremos o debate, afastando-se de uma análise economicista do campesinato. Woortmann (1990) propõe uma análise subjetiva do camponês, centrada na ética e na tradição camponesa e apresenta três categorias

comuns às sociedades camponesas em geral, sendo elas: terra, família e trabalho. Essas três categorias, segundo ele, configuram um modelo relacional, pois o mais importante não é que sejam comuns, mas sim nucleares e, acima de tudo, relacionadas, pois, uma não existe sem a outra.

Dentro desse debate, nos propomos em discutir duas das categorias apresentadas, inserindo a religiosidade na compreensão do campesinato Amazônico. Partimos do Trabalho e organização das mulheres, analisando o processo de trabalho produtivo e suas inter-relações, seja através da ajuda mutua ou no sistema de troca, visto que, percebemos entre as mulheres que mantinham relações de parentesco trocas de trabalho tanto na roça, como na produção da farinha, chegando até a comercialização.

### **Família**

A família em comunidades camponesas constitui o núcleo da produção e reprodução do modo de vida. É ela a responsável, por engendrar as dinâmicas produtivas, culturais, econômicas inerentes a esses sujeitos. Corresponde a um lugar demarcador de relações sociais de gênero, visto que, o chefe na maioria dos casos, o homem, se apresenta como provedor e mantedor do núcleo familiar. Cabendo a mulher, espaços secundários, vale ressaltar, por via de regra, mesmo sendo colocadas como secundárias ou responsáveis por espaços reprodutivos, o que de certo modo, demarca papéis sociais, a mulher anima e produz o território.

Por meio, das vivências empíricas constatamos a versatilidade feminina, ora ocupando os espaços do lar, em outro momento torna-se chefe da sua produção e da sua roça. MARIN (1998), nos ajuda a compreender essa versatilidade, dizendo que;

A mulher camponesa traça claramente sua versatilidade. Elas organizam, executam e programam sozinhas ou compartilhando com os membros do sexo masculino das famílias uma parte importante dos trabalhos nas unidades familiares. Neste sentido, não são apenas auxiliares, nem a elas está reservado o espaço da casa (MARIN, 1998, p. 6).

A autora faz referencia a representação da mulher na família e na própria comunidade, demonstrando como são executados os seus trabalhos e a sua versatilidade, seja com o marido, os filhos ou sozinha.

Na comunidade do Alto Igarapezinho as famílias nucleares se constituem das mais diferentes formas: seja pai, mãe, filhos - mãe e filhos - marido e esposa - avó, mãe,

filhos e sobrinhos. Não existe nesse caso, uma linearidade, no entanto, a maioria é formada por pais, mãe e filhos.

É por meio da família que é forjada as relações de parentesco, e reciprocidade entre os sujeitos, seja na doação de terra para um parente, seja na comercialização da produção ou até mesmo no processo de trabalho. Alias, é no seio familiar que as relações de trabalho vão ser definidas, cabendo a cada individuo o desempenhar das atividades designadas a cada um, embora todos possam contribuir no trabalho uns dos outros.

Assim, a família é responsável pela transmissão do saber camponês aos filhos, repassando o jeito de lidar com a terra, na produção da farinha, do tucupi e da tapioca, o tempo certo de plantar, colher, as sementes boas para o plantio, tudo isso faz parte do que WOORTMANN (1990) chama de ordem moral camponesa.

Estas relações criadas no seio familiar e materializadas na comunidade, tem na figura feminina a responsável por executar muitas dessas ações, sejam com suas cunhadas, noras, filhas, etc..

A terra para a família se constitui como patrimônio e o lugar onde é realizado o trabalho que constrói a família (WOORTMANN, 1990). Assim para as famílias do Alto Igarapezinho a terra tem o sentido de manutenção e sobrevivência, é por meio dela que continuidade da família é assegurada.

Eu comprei uma área, uma propriedade pra mim sobreviver nessa propriedade, eu e minha família, meu filhos, neto, neta, tataraneto, é tudo aqui nessa área, aqui é nosso, tá legalizado e; nós, todo mundo vamo viver aqui com dignidade humana. (Entrevistado 3. Trabalho de Campo, 2015).

A fala acima retrata a terra para ele como propriedade, configurando, enquanto espaço de sobrevivência da família, tanto para os filhos, como os netos. Para o grupo familiar a terra é o local de manutenção e reprodução da vida, pois, possuir um chão ou pedaço de terra, é a garantia do lugar para executar o trabalho, e assim, criar os filhos. Na família também é forjada a religiosidade, na maioria dos casos, sendo repassada aos filhos. As mulheres, nesse processo buscam assim incentiva-los a participarem da catequese, dos cultos, de todas as questões religiosas da comunidade.

Meu filho, meu sobrinho. A gente tenta encaminhar. Participam do movimento jovem, vão pra igreja, pra catequese. Ai depois que eles crescerem, pelo menos a gente já ensinou (Entrevistada 4. Trabalho de Campo, 2015).

Assim como encaminhar os filhos para à igreja, as mulheres em outros momentos deixam de frequentar, por que, precisam cuidar da casa e preparar o almoço para as crianças no domingo.

Por que às vezes eles, os meninos vão ter que levantar cedo eles vão para a catequese cedo. Eu já fico cuidando da comida, quando chegar já almoçam, eles vem embora já nem esperam nem o culto, já amenina só a maiorzinha que já fica (Entrevistada 5, Trabalho de Campo, 2015).

Ambas as falas demonstram os diferentes papéis que as mulheres exercem no contexto familiar, encaminhando os filhos para o que eles chamam de “caminho de Deus”. Mesmo que não participem efetivamente da comunidade, mas, busca ensinar os filhos a seguir a religiosidade, no caso, a católica. Abrindo mão, de si para servir a família, e reafirmando a dominação patriarcal e legitimando discursos da subserviência da mulher para com a família, alias este último, pregado incessantemente pelo cristianismo.

A família configura-se como ponto central, pai mãe e filhos juntos a constroem-na, na comunidade pesquisada o marido destina-se a produção, mas contribui em outros momentos nos serviços domésticos, os filhos ajudam os pais no trabalho da roça, na fabricação da farinha, ralando a mandioca para obter o tucupi, nos afazeres domésticos e em alguns casos na comercialização dos produtos. As mulheres participam do trabalho na lavoura, produção de farinha, tucupi, e outros produtos advindos da roça, ocupa o papel de mãe e dona de casa destinando-se ao trabalho doméstico, no entanto, seu trabalho não se baseia somente nesses espaços tidos como de reprodução, pelo contrário, se encontram na frente da igreja, exercendo sua religiosidade, trabalhando fora de casa como professora, secretária ou Agente comunitária de Saúde. Assim como se apresentam dentro da organização política nos Sindicatos e na Colônia, como presidente ou como associadas.

Nesse sentido, percebendo esses diversos espaços em que a mulher transita na Comunidade do Alto Igarapezinho, perguntamos a elas como percebem os papéis que ocupam dentro da família, as respostas mostraram as diferentes percepções que estas têm de si mesmas. No entanto, essas visões estavam pautadas, mais no outro, que propriamente nelas, este outro, é a família, o marido, os filhos. Como se elas não estivessem nesse processo de autonomia do ser mulher. Muitas são as percepções encontradas na identidade dessas mulheres camponesas.



Por que eu sempre tenho que tá aconselhando os meninos, Faz tal coisa assim, que não seja de errado. Por isso a gente é importante. (Entrevistada 6. Trabalho de Campo 2015).

Eu acho que sim, fundamental, Não criação do meu filho, também com esposa, como mãe, Vejo sim um papel muito importante. (Entrevistada 7, Trabalho de Campo, 2015).

Ambas as falas demonstram o papel destinado a elas, ligados à manutenção da família, através do cuidado com o filho, marido, sendo uma boa mãe aconselhando os filhos, ensinando-os.

Assim como estas, outras mulheres também consideram seu papel importante, sendo que este se direciona para o cuidado com a família, os filhos, o que muitas vezes as aborrece, devido o cansaço do trabalho doméstico, como coloca Marta;

Ah, eu fico muito estressada porque tem uma coisa, tem outra. A Adrielle também me ajuda, a minha filha, Ai tudo isso ajuda. Ai tem que acordar cedo pra ajeitar ela aqui, pra ir pra escola. Às vezes o escolar num passa, aí tem que leva ela, lá fora, andando. Quando não, ela vai com o tio dela de moto. Ai já fica outros trabalho pra mim fazer em casa (Entrevistada 8, Trabalho de Campo, 2015).

A entrevistada com a morte do pai e a separação do Marido passou a assumir dois papéis dentro de casa: a de mulher e a de pai, para ela esse momento tornou-se difícil, pois;

De repente a gente ter que assumir tudo isso. Por que a gente faz o papel de mulher e de homem ao mesmo tempo fica bem complicado, A gente querer fazer o papel dos dois assim fica bem... Foi assim que eu achei mais difícil, Depois que o meu pai faleceu (Entrevistada 9. Trabalho de Campo, 2015).

As falas demonstram o universo que essas mulheres se encontram, não se configurando como um espaço homogêneo onde podemos encontrar mulheres com as mesmas situações e vivências, pelo contrário, são diversificadas as vivências assim como temos as mais diferentes mulheres com inúmeras trajetórias de vida.

Desse modo, a mulher no seio familiar se encontra responsável através das suas ações pela reprodução e manutenção da família seja por meio do seu trabalho ou por meio da religiosidade, buscam sempre o bem estar comum de todos os integrantes da família. Seus papéis estão carregados de significados, e as percepções que detém de si mesmas, se encontram baseadas na família.

## **Trabalho**

Na agricultura camponesa não existe o salário, o trabalho se configura como familiar e é tecido sob os laços de uma solidariedade de vizinhança. Nesse caso,

verificamos uma modalidade para que houvesse a venda dos produtos, esse processo acarretava na venda dos produtos por uma das mulheres que mantivesse um contato maior com o mercado da região metropolitana de Belém ou conhecesse os responsáveis em levar a produção para a venda nas feiras da cidade. O resultado dessas ações, a partir do dinheiro conquistado consistia na divisão monetária, o restante do dinheiro servia para compras de produtos básicos da família como açúcar, café, sabão, e na colaboração com as despesas.

Esta relação nos ajuda a compreender o trabalho dessas mulheres para a manutenção do núcleo familiar, que está intimamente relacionado ao trabalho e a terra. Afinal, segundo WOORTMANN (1990, p. 23) “nas culturas camponesas, não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família”. A tríade Terra, Trabalho e Família se tornam indissociáveis para pensar o campesinato na Comunidade Alto Igarapezinho, principalmente a construção do território camponês pelo viés feminino, ainda aqui, cabe salientar o papel que a religiosidade ocupa dentro das comunidades camponesas, principalmente quando se pensa o campesinato amazônico.

Ademais, as relações de parentesco proximidade entre estas sujeitas pelo grau de parentesco faz com que algumas contribuam nos trabalhos uma das outras.

É assim que é. Ela tira do dela, e o que ela tira dela pra lá, é só dela. Ai já é de metade o meu, porque eu não tenho quem me ajude, ai eu chamo ela pra mi ajuda (entrevistada 10, Trabalho de Campo, 2015).

Através da fala acima notamos uma relação de ajuda, isso ocorre por que segundo a entrevista “eu não tenho quem me ajude, ai eu chamo ela”, portanto a falta de ter uma ajuda dos filhos ou do marido, faz com que ela busque ajuda, com isso o resultado da produção é dividido entre ambas. É notório perceber que o pagamento pela ajuda no trabalho se dá por meio da partilha dos supostos da produção e não por meio de dinheiro, se configurando, desse modo, em uma ajuda mútua.

A respeito da ajuda mútua Fabrini (2007) esclarece que;

A ajuda mútua não consiste apenas na troca de dias de serviço, mas também na partilha de produtos da unidade de produção como sementes, alimentos, utilização de máquinas, prestação de serviço de transporte, enfim uma variedade de trocas realizadas no bairro rural não regulada por relações mercadológicas. (FABRINI, 2007, p. 28).

Nesse caso, de acordo com o autor a ajuda mutua é definida pela troca entre os camponeses sem de fato haver uma relação mercadológica, ou seja, a não existência do pagamento por dinheiro e sim por produtos.

Desse modo, a ajuda mutua pode ser percebida nas relações entre as mulheres camponesas na Comunidade do Alto Igarapezinho, assim como ocorre também entre mulheres e homens como é o caso da D. Graça com seu João, marido de Elisabeth que é cunhada do marido de D. Graça;

Dona Graça fez muita farinha pra mim. Quando eu faço, sempre ela que faz mais. Por que eu dô pra ela fazer pra mim, e eu não posso fazer. (Entrevistado 11, Trabalho de campo, 2015)

Nós fazia assim, se eu fizesse quatro pacote, era dois meu e dois dele. Ele me dava dois, e ele ficava com dois (Entrevistada 12, Trabalho de campo, 2015).

Através das falas dos entrevistados, notamos que a ajuda na produção da farinha, ocorre devido problemas de saúde. Pois, este sofre de um problema e não pode executar serviços pesados, por isso, pede o apoio para “fazer” a farinha. Após pronto, os produtos são divididos de forma igual entre os dois, sendo metade para cada um. Reforçando o que Fabrini (2007) expõe como ajuda mutua, isto é, a partilha de produtos entre os sujeitos sem ocorrer uma relação mercadológica.

## **Religiosidade**

Outro fator presente no território camponês é a Religiosidade que se configura como elemento importante no seio das relações sociais engendradas na comunidade, servindo como pressuposto para o seu surgimento. Essa Religiosidade camponesa (BENEVIDES 2014 p. 56) extrapola os espaços da igreja palco de sua materialidade, surgindo dentro do simbólico no imaterial, na crença dos sujeitos na divindade Deus, como ser capaz de lhes conceder as benfeitorias terrenas, seja na aquisição de um pedaço de terra, no trabalho, na saúde Etc..

Na igreja as mulheres estão como coordenadoras das pastorais, na celebração dos cultos dominicais, embora haja a presença masculina, são as mulheres que tomam a frente da comunidade.

Observamos em campo, durante um culto dominical o dirigente ser de figura masculina, no entanto, este veio da comunidade vizinha para celebração. Pois é rara a presença de um homem como liderança.

Mas é difícil tu vê um homem, por exemplo, que nem o Divaldo que era o coordenador hoje, ele de outra comunidade, na minha comunidade que eu

participava antes, ele veio e coordenou o culto hoje. Mas aqui é difícil tu vê um homem tá lá coordenando o culto, só é as mulheres, só as mulheres. Quando não é eu e a Jéssica, ou é a Angela. (Entrevistada 13. Trabalho de Campo, 2015).

E prossegue falando sobre as mulheres na comunidade e as suas funções;

A Jessica é catequista, eu ajudo na liturgia. Tem pastoral da juventude. As catequistas são mulheres. Se tem outra coisa é mulher. É mais as mulheres que tão na frente. (entrevistada 13. Trabalho de Campo, 2015).

Nestas falas percebemos que as mulheres tomam a frente da igreja, nos cultos, nas pastorais intercalando entre si os trabalhos. Algumas assumem o papel de catequistas, outras se direcionam para a liturgia, na pastoral da juventude. Tomando frente, assumindo papéis. A presença do catolicismo no cerne da comunidade é evidente, no entanto, tem surgindo uma igreja protestante/evangélica no território do Alto Igarapezinho; encontramos a ramificação da Igreja do Evangelho Quadrangular, ainda de forma discreta na comunidade.

Os cultos dominicais, assim como as festas, os encontros fazem com que haja uma organização para tais eventos, as mulheres separam as funções que cada um vai exercer. Assim como as festas religiosas, estes se juntam para realizar outras atividades, como por exemplo, a organização da quadrilha junina.

Por que a gente tem que tá incentivando. Como é que a gente vai fazer? Ai. A gente senta ai, se reuni e planeja. Separa pra fazer as funções. É pra fazer os cantos. Ai as leitura e assim vai. Ai quando tem encontro, assim, é domingo alegre, por exemplo. Aí tem, é, é brincadeira, Tudo isso, a gente organiza. Inclusive, agora vai ter, mês de Junho, agora, a gente vai fazer uma quadrilha dos jovem. Ai vamo organizar ai pra frente (Entrevistada 14. Trabalho de Campo, 2015).

A fala chama atenção para o planejamento feito pelas mulheres tanto para eventos religiosos como “profanos”, essa organização serve como incentivo para os outros camponeses participarem da comunidade, por isso, é necessário o planejamento “do que se fazer, como fazer” para trazer eles para dentro da comunidade.

No mês de Janeiro de 2015 ocorreram às santas missões, nesse período a comunidade recebeu a presença de outras igrejas de Bujaru pertencentes à Paróquia de São Joaquim. As missões ajudaram para reerguer a igreja, aumentar a fé dos camponeses, assim como, chamar a comunidade a participar mais efetivamente dos cultos religiosos.

Esse ano teve as missões, foi por isso que levantou mais a comunidade. Por que tava, assim, a capela, igreja, Que a gente diz, mas a comunidade não tava indo. Ai depois que veio às missões, que a Paróquia promoveu as Santas

Missões, aí a comunidade reergueu novamente (Entrevistada 15. Trabalho de Campo, 2015).

Por meio da fala da entrevistada as Santas Missões ajudaram a reerguer a comunidade chamando os fiéis para dentro da igreja, a participarem da vida religiosa da comunidade. As ações ocorridas durante o encontro serviu para fortalecer a própria igreja. A religiosidade contribui para que as mulheres se vejam pertencentes à comunidade, muitas delas atuam nas organizações de frente da igreja, seja nas pastorais, na coordenação, outras, no entanto, participam da vida comunitária indo aos cultos, nas festas da santa, na missa, impulsionando os filhos a participarem da catequese, dos encontros de jovens e como retorno essas mulheres tiram o aprendizado da palavra de Deus.

Desse modo, a religiosidade camponesa é forjada dentro de relações sociais matérias através dos cultos, festividade da santa, compra de bingos, dizimo. E imateriais, na relação com a divindade Deus, como propulsor da vida, capaz de conceder bens terrenos, dar a saúde etc.

Ainda num deu certo de comprar um pedaço de terra pra gente mermo. Por que o que eu tinha lá, pra co lá eu perdi. No dia que der certo, se Deus ajudar, que ele tenha uma saúde e eu também, a gente compra um pedaço de terra, uma localidade pra ir morar, É isso. Enquanto isso tamo aqui. (Entrevistada 16. Trabalho de Campo, 2015).

A fala nos ajuda a entender a relação simbólica que é criada com figura de Deus, pois este é tido como um ser bom e que pode ajudar na aquisição de benfeitorias, no caso, na compra de um pedaço de terra para moradia. A igreja, constituída no sentido material exerce influencia sobre a comunidade, desde o seu surgimento, sendo responsável por corroborar para a espacialização da comunidade tal como a concebemos hoje.

Fabrini (2007) nos dá subsidio para compreender o papel que a igreja exerce na vida em comunidade, sendo tida, como espaço de socialização; “A igreja assume grande importância porque em torno dela gira a vida da comunidade, indicando uma relação local porque é aí o lugar da socialização; é a célula da comunidade social e ponto de encontro” (FABRINI, 2007, p. 28).

Na comunidade do Alto Igarapezinho é através da igreja e principalmente da religiosidade que as mulheres forjam sua identidade camponesa, se vendo pertencentes à comunidade. È ajudando na igreja, nas pastorais, indo aos cultos, ouvindo e repassando

para os filhos, maridos, vizinhos. A igreja para elas detém um caráter fundamental para a comunidade e para a família.

Nossa, é uma das principais, Das principais coisas que a gente tem, mais importante é a comunidade ai. A igreja, Por que é através da igreja que a gente encaminha os filhos da gente. Um caminho melhor, um caminho de Deus. (Entrevistada 17. Trabalho de Campo, 2015).

Podemos perceber através da fala acima, que é por meio da igreja que as mulheres encaminham os filhos para o “caminho melhor” de Deus, e não para a vida mundana. Nesse sentido, quando perguntadas sobre o papel que exercem na comunidade, fazem alusão ao seu papel ligado à igreja e posteriormente a família.

Eu acho que sim, porque desde quando a gente veio pra cá a gente também tenta fortalecer a comunidade. Por que, no caso, não tava forte... Eu já vim de outra comunidade, eu era ativa lá, também, era dá, como é que se diz... da liderança da comunidade. Ai, eu vim pra cá e já assumi também o compromisso ai da comunidade pra ajudar a fortalecer (Entrevistada 18. Trabalho de Campo, 2015).

Acho que sim importante, aqui na comunidade aprende muita coisa escutar o que tão “explicando” pra gente. As vez já traz e passa para as crianças menores que eles estão meio rebarbado não querem saber de nada ai é bom (Entrevistada 19, Trabalho de Campo, 2015).

Ambas as falas nos ajuda a compreender que o papel dela é fortalecer a comunidade por meio, da sua participação na igreja, sendo ativa, nas questões religiosas. Já para Terezinha o seu papel esta relacionado em trazer os ensinamentos da igreja para a criação dos filhos, ensina-los o caminho de Deus.

E por intermédio da religiosidade, que as mulheres do Alto Igarapezinho se veem pertencentes à comunidade, ajudando na igreja, de forma efetiva ou indo somente aos cultos, colaborando por meio do trabalho durante as festa da padroeira, comprando os bingos, doando os produtos da roça para a festividade, sem de fato ter essa participação intensa, isso contribui no fortalecimento da identidade camponesa.

Assim sendo, na organização familiar camponesa do Alto Igarapezinho a interdependência entre os elementos Terra, Trabalho, Família e Religiosidade contribui e orienta a reprodução camponesa, no caso, pelo viés feminino, essa relação estabelecida entre esses fatores incide espontaneamente sobre o modo de vida desses sujeitos. Essa interdependência estabelecida nos ajuda a entender as ações que vão ser projetadas pelas mulheres no território camponês seja no trabalho, nas trajetórias de vida, no pertencimento ao lugar, na visão dos seus papeis, e nas relações mantidas com outros espaços. Trataremos sobre essas ações no capítulo seguinte.

Nesse contexto, as mulheres usam parte da sua produção para a comercialização, o dinheiro obtido com as vendas é destinado para a renda da família, todavia, uma parte significativa é doada para o dizimo na igreja, sendo esta, a parte principal e importante. A reprodução social camponesa, neste caso, está ligada conjuntamente à religiosidade, além, do dizimo, há o auxílio dos camponeses durante o festejo da santa protetora da comunidade.

### **Considerações Finais**

O campo nos revelou que a mulher da comunidade do Alto Igarapezinho está à frente da produção, no plantio da roça, na produção de farinha, e tapioca; na comercialização dos produtos; ou ainda à frente das atividades da igreja.

Constatamos que o trabalho feminino, em alguns casos, se constitui como principal fonte de manutenção familiar. Algumas exercem, inclusive, as tarefas de enfrentamento da natureza, consideradas mais pesadas e perigosas, a floresta, nesse caso, lugar especificamente demarcador de relações de gênero. Participam de certa forma, em todas as etapas do processo de trabalho, sejam acompanhadas do esposo, dos filhos, de algum outro parente, ou sozinha. Em alguns casos, com ausência do marido, a mulher toma a frente do direcionamento do trabalho produtivo.

Para tanto, considerando a vida e o trabalho das mulheres camponesas na comunidade do Alto Igarapezinho, percebemos que a mulher exerce um papel fundamental e ativo para a manutenção e reprodução tanto do grupo familiar, como a religiosidade, destacando a centralidade que as relações de gênero apresentam nesse território.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. PAULINO, Eliane Tomiasi. **Terra e Território: a questão camponesa no capitalismo**. Ed: Expressão Popular. 1º Ed. São Paulo, 2010.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais**. Revista Nera – Presidente Prudente. Ano 10; nº 11 pp. 8-32. Jul-Dez. 2007.

GARCIA, Maria Franco. A luta pela terra sob enfoque de Gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. **Tese** (Doutorado em geografia). Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Paulista de Presidente Prudente. São Paulo, 2004 - 216 f.

MARIN, Rosa E. Acevedo. Perfil da mulher camponesa no Sudeste do Pará. **Paper Naea**. Belém. Outubro. 1998

MARQUES, Marta Inês Medeiros. Atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista NERA** - ano 11, N. 12, Janeiro/Junho de 2008, p. 57-67. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1399-4032-1-PB.pdf>. Acesso: 20/05/2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, violência**. 2º Ed – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SAQUET, Marco Aurélio (orgs). **Território e Territorialidade: teoria, processos e conflitos**. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2008.



SHANIN, Teodor. **Campeños y sociedades campesinas**. México, Fondo de Cultura Económica, 1979

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres Trabalhadoras Rurais – trajetórias e memórias. **Revista Ruris**. V. 04, nº 2, Setembro 2010.

WOORTMANN, Klass. **Com parente não se negueia**: o campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico. Brasília. Editora da Universidade de Brasília: 1990